

Promessas para o futuro

No mundo todo — inclusive na Escola Paulista de Medicina em São Paulo — equipes trabalham no desenvolvimento de animais geneticamente manipulados para uso em transplantes de coração e rins, por exemplo. “É mais lógico reimplantar um coração animal, que tem uma estrutura igual a do homem”, explica cardiologista Artur Beltrame Ribeiro, professor da Escola Paulista de Medicina e integrante do Conselho Científico da Sociedade Internacional de Hipertensão.

Embora não acredite que o xenotransplante seja possível num futuro próximo, Beltrame acredita que os avanços nas pesquisas da genética molecular serão fundamentais para esse tipo de transplantes. A genética molecular busca as bases moleculares das doenças, identificando os defeitos na estrutura química do nosso organismo.

Cientistas canadenses prometem o coração mecânico evoluído já para o ano 2001. A previsão é a de que ele deve custar US\$ 15 mil. No Brasil ele chegará mais caro. O uso generalizado da monitorização de pacientes por mini-sensores — já utilizado por médicos de alguns hospitais de São Paulo, como o Instituto do Coração (Incor) também tornará possível a criação de centrais que controlarão o tempo todo o coração dos associados de risco. É a chamada monitorização por telemetria, quando um aparelho capta o eletrocardiograma da pessoa e transmite por rádio a uma central.

Há grandes avanços também na área do diagnóstico. A última palavra, segundo os médicos, é a resso-

nância nuclear magnética ultrarrápida. Uma série de imagens do coração e das artérias mostra para o médico como vai a saúde do paciente. (FL e TF)